"Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas" (Jeremias 17:9). Estas palavras bíblicas, escritas há milênios, ressoam com urgência profética em nosso tempo. Vivemos numa era em que a fé é frequentemente reduzida a um mero "sentir-se bem", onde a ortodoxia é substituída pela "ortopatia" (o culto à emoção), e onde a "misericordite" – essa falsa compaixão que esquece a verdade e a justiça – se disfarça de virtude.

É errado sentir emoções diante de Deus? Claro que não. Mas quando a fé é construída sobre emoções fugazes em vez de sobre a rocha da doutrina e da razão iluminada pela graça, nos tornamos cristãos frágeis, vulneráveis a crises, modas espirituais e, o mais grave, aos enganos do mundo.

Neste artigo exploraremos:

1. A origem da fé emocional
2. Emoção vs. Devoção: o que a Tradição nos ensina
3. A "falsa misericórdia": quando a misericórdia se separa da verdade
4. Como construir uma fé sólida (além dos sentimentos)

I. A Origem da Fé Emocional: Do Protestantismo Liberal ao Catolicismo "Light"

A redução da religião à experiência sentimental não é nova. Ganhou força no século XVIII com o pietismo protestante, que priorizava o "sentimento religioso" sobre a doutrina objetiva. Mais tarde, o romantismo do século XIX exaltou a emoção como caminho de conhecimento, infiltrando-se até mesmo em círculos católicos.

Mas o grande salto ocorreu no século XX, quando a psicologia humanista (com sua ênfase na autorrealização emocional) e o marketing religioso (que vende Deus como "experiência satisfatória") colonizaram a espiritualidade. Hoje, muitas homilias, canções e até correntes de formação católica caem neste erro: Deus existe para me fazer feliz, não eu para servi-Lo.

Exemplo histórico: Santa Teresa d'Ávila, embora experimentasse êxtases, advertia: "Não vos detenhais nestes gostos espirituais, mas crescei em virtudes". A emoção pode ser um dom, mas nunca o fundamento.

II. Emoção vs. Devoção: O que a Tradição Ensina

As emoções não são más. Jesus chorou (João 11:35), indignou-se (Marcos 3:5) e sentiu agonia (Lucas 22:44). Mas Sua vida não era guiada por elas, e sim pela vontade do Pai: "Não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lucas 22:42).

O perigo está na idolatria do emocional:

- Fé de montanha-russa: se você só reza quando "sente algo", sua vida espiritual será instável
- Visionários sem discernimento: muitos seguem "revelações privadas" só porque são emocionantes, mesmo contradizendo o Magistério
- Moralismo sentimental: "Se parece bom, deve ser bom" (aqui entra a "misericordite": perdoar tudo sem exigir conversão)

Os santos entenderam isso:

- São Tomás de Aquino escreveu milhares de páginas de teologia racional, embora sua fé culminasse em êxtase
- Santo Inácio de Loyola nos Exercícios Espirituais adverte: "Não mudar de decisão em tempo de desolação"

III. A "falsa misericórdia": Quando a Misericórdia Perde sua Essência

Falamos agora de um mal contemporâneo: a falsa misericórdia, que:

- Absolve sem arrependimento (como se Deus não dissesse "convertei-vos" – Marcos 1:15)
- Nega o pecado para "não ferir sensibilidades"
- Reduz o Evangelho a mensagem de autoaceitação sem conversão

Isto não é misericórdia, é sentimentalismo. A verdadeira misericórdia, como a do filho pródigo, exige o reconhecimento do pecado ("Pai, pequei" – Lucas 15:21) e a firmeza do pai que não negocia a dignidade do filho ("Trazei a melhor túnica" – mas primeiro o filho confessou seu erro).

Exemplo atual: muitos padres, para não "ofender", evitam falar sobre inferno, pecado mortal ou castidade. Resultado? Fiéis que confundem a bondade de Deus com

permissividade.

IV. Como Construir uma Fé Sólida (Além dos Sentimentos)

1. **Catecismo antes das sensações**: a fé vem pela audição (Romanos 10:17), não por arrepios. Estude a doutrina
2. **Oração fiel, não só quando "está a fim"**: "Orai sem cessar" (1 Tessalonicenses 5:17). A oração é ato de vontade
3. **Sacrifício e Cruz**: a fé cresce no silêncio do Getsêmani, não só na alegria do Tabor
4. **Discernimento com os santos**: se uma "emoção espiritual" te afasta da Missa, confissão ou moral católica, não vem de Deus

---

Conclusão: Um Amor que Transcende os Sentimentos

Nesta Sexta-Feira das Dores, recordamos a Virgem Maria que "guardava todas estas coisas no seu coração" (Lucas 2:51). Sua fé não era de explosões emocionais, mas de fidelidade na dor.

Sua fé deve ser como o amor conjugal: há dias de êxtase e dias de pura vontade. O que importa é amar a Deus quando sentimos e quando não sentimos. Assim evitaremos a "misericordite" e uma religião diluída.

"Não amemos de palavra, mas por obras e em verdade" (1 João 3:18). O emocionalismo passa. A fé que age permanece.

E você? Constrói sua fé sobre a rocha ou sobre a areia movediça dos sentimentos?